

José Capela*

p. 163-164

Ainda uma vez a bem vinda Colecção Malungo, de que é coordenador o Dr. Mário Maestri, com a 21.^a publicação Universidade de Passo Fundo.

Alimentando como *leitmotiv* a intervenção dos escravos na produção do charque e análise conjugada deste na fundação e na prosperidade de Pelotas, «a cidade mais importante do sul do país no século XIX», passamos a dispor de um panorama simultaneamente alargado e minucioso de dois factores que permitiram ali surgisse aquilo que hoje designaríamos como uma burguesia próspera, a «aristocracia sebeira». Da manifestação dessa mesma prosperidade no comportamento social como foi o caso das habitações sofisticadas desde o começo da povoação podemos rever *ab ovo* quem era o *brasileiro* de torna-viagem exibindo, uma vez em Portugal, essa mesma prosperidade, ainda hoje claramente expressa nas *casas de brasileiro*. Esta terá sido uma das marcas emblemáticas devolvidas pelo Brasil colonial à metrópole europeia, intercambiando trocas, à vista de hoje patéticas, e que envolveram a escravatura de origem africana e a «escravatura branca», oriunda de Portugal. Esta última não é referida na obra expressamente, porventura por assim não ser nem designada nem tida no destino, em contraste com o relevo que lhe foi emprestado pela imprensa portuguesa, finais do século XIX.

Menosprezado pela historiografia tradicional, aqui se procura devolver ao elemento afro-rio-grandense a importância de que se revestiu no desenvolvimento do Rio Grande do Sul. Tema polémico, a versão autorizada de Fernando Henrique Cardoso segundo a qual a relação senhor-escravo, no Rio Grande do Sul, a partir de meados do século XIX, assumiu o nível atingido nas demais regiões do país. «Pura libertinagem», não obstante, as relações senhores-escravos alteraram-se.

O charque, omnipresente no primeiro quartel do século XIX, à sua produção aplicados escravizados e libertos, mais de 60 % descendentes de africanos e afro-descendentes que, por sua vez, superavam a população branca. O que levou o autor a dar a seguinte arrumação ao seu trabalho: análise da cidade e importância respectiva relativamente à economia e cultura rio-grandenses; a estrutura e a prosperidade das charqueadas, finalmente, as relações de produção entre senhores e escravos.

* CEAUP.

Da antiga São Francisco de Paula, no século XVIII, até à prosperidade de Pelotas, no século XIX, com o desenvolvimento da criação do gado vacum em estâncias extensas de léguas, chegando cada a albergar mais de 100 000 cabeças, a tal se ficou a dever o desenvolvimento do Sul. A uma historiografia inicial invocando a predominância da mão-de-obra livre terá sucedido a entrada, «em número significativo» de homens escravizados no Sul nas charqueadas rio-grandenses. A utilização da máquina a vapor no Rio da Prata desde 1838 só a partir de 1850 teria chegado ao Rio Grande, o que permite concluir ter sido a introdução de novas tecnologias processada antes do termo da importação de escravos no Brasil, portanto antes da crise da mão-de-obra. Para o período que vai de 1850 até à abolição, em 1888, os cativos charqueadores contavam-se: 590 escravos africanos, 556 crioulos, 460 indeterminados. Destacavam-se: Moçambiques, Cabindas, Monjolos, Minas, Benguelas, Rebolos, Congos, Nagôs, Angolas.

Um número assinalável de tabelas e gráficos ilustrando e caucionando o texto enriquecem sobremaneira a informação quantitativa. Especial atenção é emprestada à Escravidão nas Charqueadas Pelotenses, abarcando, entre outros, os relacionamentos senhorio-escravidão, sexo e origem dos escravizados, a criminalidade nas charqueadas, as fugas de escravos, os quilombos, os castigos, as insurreições, as alforrias, a abolição.